

A Casa da Bruxa

VOL. III

*contos, minicontos
e poemas*



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-88582-8

2023

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

POÇÃO DO AMOR, POR ANA CAROLINA RIBEIRO DA COSTA, PÁG. 05

DEPOIS DA CHUVA, POR ANNA BARTON, PÁG. 10

DES(CONTO) DAS BRUXAS, POR ESTELA MARIS SANDER, PÁG. 13

SOPÃO DE BRUXA, POR ESTELA MARIS SANDER, PÁG. 18

A BRUXA CIGANY E SE ANJO DARK, POR LÉIA FELÍPE, PÁG. 20

O CAIXÃO ACORRENTADO, POR NEY ALENCAR, PÁG. 25

SETE PERNAS DE TARÂNTULA, POR ROSAMARES DA MAIA, PÁG. 30

AS COITADAS DAS MUTUCAS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 35

POIS É!, POR SELMA LUANNY, PÁG. 37

QUANDO SE É "PISADO", POR SELMA LUANNY, PÁG. 39

O PREÇO DE CADA UM, POR SELMA LUANNY, PÁG. 41

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 43

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



A CASA DA BRUXA

VOL. III



APRESENTAMOS O CONTO

POÇÃO DO AMOR

POR ANA CAROLINA RIBEIRO DA COSTA

A Ana Carolina, mais conhecida como Ana, pois detesta ser chamada de Carol, é uma mulher de 25 anos nascida e criada no estado do Rio de Janeiro. Possui influência com a leitura desde a infância, pois duas tias publicam livros e são doutorandas em Letras. Ela sempre gostou de criar histórias, imaginar um mundo inteiro sendo criado através da imaginação de uma pessoa é algo fantástico. Atualmente trabalha em área administrativa, mas seu sonho sempre foi trabalhar com a escrita.



— Tu és Ártemis, a mulher conhecida como “A Bruxa do Lago” deste reino?

Uma pergunta direta e simples, porém familiar aos ouvidos da mesma. Não é a primeira nem a última vez que será procurada pelos habitantes do reino, que buscam das mais diversas ajudas.

Entretanto, dessa vez é diferente. Este homem a sua frente não é um cidadão qualquer; sua armadura bem polida e a espada com o brasão mostra que é um Cavaleiro Real. Mas por qual motivo alguém ligado a nobreza adentraria a floresta para falar com uma bruxa?

O homem tinha uma aparência familiar aos olhos da bruxa: aproximadamente vinte anos e cabelo loiro cacheado, não são todos os cavaleiros com essa aparência, ainda mais tornar-se um Cavaleiro Real tão jovem, algo que requer experiência e habilidade em combate.

Ainda sem respondê-lo a mulher deu meia volta, ficando novamente de costas para terminar de colher suas maçãs. Seu rosto estava coberto pelo capuz de sua longa capa, que se estendia até o chão. Demonstrando calma e desinteresse pela figura masculina, disse:

— O que desejas?

A voz soou calma, porém firme e rouca, impossibilitando o homem de tentar adivinhar sua idade. Poderia ser uma adolescente fingindo ser uma velha, ou realmente pode ser uma mulher de idade.

— Eu preciso que você faça uma poção do amor.

Ártemis parou seu braço no meio do caminho de pegar a última maçã, surpresa pela informação revelada pelo homem. Já estava esperando receber o pedido para criar um veneno, imaginando ser alguma intriga do reino, mas uma poção do amor? Jamais.

— Perdão, devo ter entendido errado... — disse, caminhando tranquilamente de volta para seus aposentos, um pequeno chalé que havia próximo ao riacho que cortava o reino — o que deu a origem do seu apelido “A Bruxa do Lago”.

— Não, estás correta — o homem dissera, seguindo a mesma. — Corre o boato pelo reino que tu és uma excelente bruxa, capaz de criar poções de curar com maestria. Eu desejo uma poção do amor.

— Belial — a mulher sussurrou e, de soslaio, um gato preto com os olhos cor de âmbar apareceu sobre a mesa da cozinha, encarando o cavaleiro como se analisasse sua alma.

— *Ele não está mentindo* — para o espanto, o gato falou. — *Não é um truque para te capturarem por heresia, ele realmente quer uma poção.*

E do mesmo jeito que apareceu, o gato misteriosamente sumiu. Então esse deve ser o famoso Belial, a entidade da Bruxa do Lago que ela utiliza como seu familiar.

— Preciso de algo em troca, senhor cavaleiro.

— O meu nome é Lancelote — respondeu, e finalmente Ártemis lembrou-se dele: o cavaleiro designado a proteger a filha do rei, a Princesa Camélia. O seu pai fora um espadachim lendário, não seria surpresa ter herdado do dom dele. — Caso desejas dinheiro, eu lhe pago.

— Não me importo com dinheiro, o que preciso são os ingredientes necessários para a poção ser feita.

Ainda com o rosto coberto pelo capuz, a mulher entregou uma lista para o homem e, sem esperar retorno, fechou a porta na cara dele.

— Caso não traga os itens abaixo, não precisa retornar.

Confuso com a rispidez da mulher, Lancelote olhou o papel, que dizia: flor de lúmen, lágrima de elfo, folha de uma árvore centenária e o coração de algum animal silvestre.

...

Para a surpresa (e espanto) de Ártemis, ele voltou no dia seguinte, mais precisamente à noite. Lancelote carregava todos os itens em uma sacola e parecia cansado, como se tivesse rodado por todo o reino atrás deles.

— Não esperava que fosse tão rápido — confessou.

— Preciso dessa poção o mais rápido que conseguir.

Então, a Bruxa do Lago entendeu tudo: Lancelote quer dar a poção para Camélia se apaixonar por ele. Só pode ser isso, pois a mesma está prometida em casamento, e a cerimônia será no dia do seu aniversário de maioridade — em duas semanas.

O pai dele foi o principal espadachim do rei, e seu filho designado a proteger a princesa. Crescendo juntos, não seria estranho nascer algum sentimento além do fraternal. Entretanto, não é da conta de Ártemis.

— Não se aproxime e nem fale uma palavra enquanto eu estiver preparando — proferiu de forma séria, pegando os itens da mão do cavaleiro e caminhando em direção ao caldeirão.

Apesar de pequena e desorganizada, a casa da tão famosa Bruxa do Lago é aconchegante. Lancelote não sente perigo ou repulsa de estar perto dela, é apenas... uma mulher humana; com habilidades sobrenaturais, mas ainda uma humana.

Permaneceu sentado em silêncio, observando a mesma colocar o caldeirão sobre a mesa de mármore e falar algumas palavras numa língua desconhecida. Belial, o gato, apareceu sobre o seu ombro e o loiro pôde jurar que os olhos âmbar mudaram de cor.

Um por um, os ingredientes eram acrescentados, dando um clarão no local e, quando finalmente estava pronto, um forte vapor assoprou no rosto da mulher, fazendo seu capuz cair. E, pela primeira vez, seu rosto foi revelado.

Ártemis é uma mulher um pouco mais velha que Camélia, mas com certeza tinha menos que trinta anos. Sua pele escura dava um contraste belo com a cor de seu cabelo cinza-branco ondulado. Lancelote ficou boquiaberto por alguns segundos, se perguntando se a poção não o havia atingido, pois a beleza desta mulher é surreal.

— Está feito — por outro lado, a bruxa não percebeu o capuz caído, caminhando em direção ao rapaz com um pequeno frasco em mãos. O recipiente não deve ter nem meio copo d'água e sua cor é amarelo.

— Ah... — ele balbuciou quando finalmente voltou a si, pegando o líquido. — Agradeço.

— Fique ciente de algumas regras: a poção não é vitalícia, ela faz a pessoa se apaixonar na hora queingere, mas caso não cultive esse amor, ela se desapaixonará com o tempo. Ah, e outra coisa, a pessoa que tomar a poção se apaixonará pela primeira pessoa que seus olhos capturarem após ingerir, então faça a Princesa Camélia ingerir em um local privado e...

— A Princesa Camélia? — ele a interrompeu, mostrando-se confuso. — Espera, tu achas que eu daria essa poção para a Vossa Alteza beber?!

— E quem mais seria? — agora foi a vez de Ártemis ficar confusa.

— Pelos deuses! — Lancelote riu, fazendo um gesto negativo com a cabeça. — Só esqueça isso, ok? A Princesa Camélia me pediu para procurar essa poção, ela tem medo do futuro marido não amá-la e queria uma precaução, só isso.

Agora tudo faz sentido. Sendo uma nobre, ela não poderia andar floresta adentro atrás de uma bruxa. Ártemis colocou a mão sobre os lábios para conter os risos, encarando o homem de forma ladina enquanto respondia:

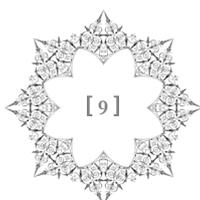
— Agora eu entendi do por que tu me olhaste daquela forma.

O Cavaleiro Real sentiu todas as suas armaduras caírem contra aquele golpe, arregalando seus olhos e gaguejando enquanto tentava defender-se. Sentiu suas bochechas corarem, aumentando ainda mais as risadas da mulher.

— Ontem me tratastes com rispidez e agora, fica de gracinha, as mulheres são uma incógnita — resmungou, cruzando os braços.

— Ontem, tu eras um desconhecido do reino invadindo o meu espaço. E hoje, *tu és apenas um homem solteiro e bonito na minha casa.*

Lancelote entendeu o recado. Droga, está condenado — e maravilhado.





APRESENTAMOS O CONTO DEPOIS DA CHUVA

POR ANNA BARTON

Anna Barton é escrevedoura, sonhografista e um tipo de fantasma da cidade de Porto Alegre.



Acordou com os dentes rangendo, o mínimo de claridade ardia-lhe os olhos, na sua boca a mucosa fisgando até a garganta. Estendeu o braço, até encontrar, em meio ao bolo de roupas no chão, os óculos reticulados, objeto que havia sido de sua última vítima — um menino moreno muito magro e com os cabelos de Caetano Veloso. Yam era o seu nome, e o sangue tinha um gosto cítrico, ele nem agonizou até morrer, isso deve ter algo a ver com as meditações do menino, pensou. Decerto aquele sangue era iluminado, por isso ela achava que não iria acordar tão cedo daquele sono cheio de sonhos psicodélicos. Eram céus de arco-íris e águas de violetas conversando entre si, os sinos de igrejas derretendo, muito vívidos. Mas tudo tem um fim, e agora ela precisava buscar outra Fonte de Prazer.

Na geladeira, ainda havia um copo de sangue meio coagulado, mas o suficiente de energia para ir caçar seu novo alimento. Vestiu o seu *trench coat* cor de pele, adquirido no brechó em frente pela bagatela de cento e trinta reais, enfiou os óculos yogui na cara e tomou as ruas de Porto Alegre, num meio-dia úmido. Mas é assim mesmo que ela gosta, depois da chuva.

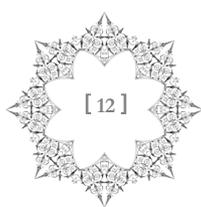
quando evapora das calçadas o cheiro de todos os outros dias
quando há uma lucidez encardida nas faces das ruas
e uma emergência em buscar algo
Depois da chuva, o ar varrendo o novo
E todas as palavras
é quando saio, vulgar transeunte
em meu caminho a criança e sua imprevisível passagem

Essa criança pareceu apetitosa, e estava apenas na companhia do pai, seria fácil raptá-la, mas o apetite de 68 dias exagerava o seu desejo por um adulto. Aquele reticulado ridículo era útil na cara, pois barrava qualquer claridade e ajudava a escanear com mais precisão partes da próxima vítima, ela era uma *Vampcyborg*. Uma vampira que na cidade se fez bruxa para poder sobreviver em meio a tanto concreto e roedores. Ironicamente era vegetariana, quer dizer, as suas vítimas não comiam carne. E só de pensar na macia pele dos vegetarianos, sua saliva espessava na boca, a ponto de ter de secar os cantos dos lábios com o lenço acetinado, guardado no bolso esquerdo.

VIDA NATURAL, dizia o letreiro daquele restaurante muito antigo, em uma parte charmosa da cidade. Ali também eles vendiam aqueles óculos reticulados, e trufas veganas de cacau. Hoje terei uma refeição de rainha egípcia, sussurrou a si mesma. Porém, como a luz do sol emanava, dificilmente conseguiria corpos jovens, teria de usar a sua simpatia e seu corte chanel para sentar ao lado de alguém mais experiente. Assim o fez, e foi até o misturador, serviu seu copo de suco de melancia cujo reflexo da cor lembrava o sangue dos recém-nascidos. Pediu licença e sentou-se ao lado de uma senhora de cabelos vermelhos.

Muito alegre, a cara cheia de rugas iguais lhe cumprimentou e suspirou, dizendo, "mas não vai comer nada, minha filha?". "Eu vou ter de fazer uma ecografia e ficar sem comer, mas preciso beber muito líquido", respondi a ela enquanto calculava mentalmente quantos litros de sangue poderia extrair daquele corpo magro. Evidentemente a senhora ofereceu a mim a sua companhia. Saímos do restaurante, inventei uma desculpa para que ela passasse comigo em casa, não sem antes certificar-me de que ela morava sozinha e não falava com os seus parentes há um bom tempo. Consegui convencê-la de que sofria de uma doença que não me permitia pegar muito sol, de modo que ela não se assustou com a escuridão de minha residência. Nela entrou, inclusive juntando algumas roupas do chão e se oferecendo para, em outro dia, me ajudar na organização do lar.

Assim que fechei a porta e avistei a nuca avançando pelo corredor em direção ao meu quarto, voei com os meus dentes arregaçados e, erguendo os meus dedos mostrando as unhas pontiagudas e longas, as cravei no peito dela, enquanto encaixei minha arcada em seu pescoço. Rapidamente a jugular emanou a minha fonte de vida e da sua morte. Dela pude ouvir um grito agudo que se desfez ao som da chuva, que resolvera novamente cair com sua toda a força aquosa.





APRESENTAMOS O CONTO DES(CONTO) DAS BRUXAS

POR ESTELA MARIS SANDER

Estela Maris Sander é avó, mãe e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, com Licenciatura Plena em Letras, Especialização em Psicopedagogia Escolar, e Mestra em Educação: Especialização em Ensino Superior. Em coautoria, publicou obra em 2018, com temática infantil. Em 2019, foi a vez do romance infantojuvenil, De bem com as bruxas. Narrativas infantis, contos, crônicas, poesias e microcontos com temas e enfoques variados aguardam futuras publicações. “Gratidão por participar desta antologia com temática encantadora! Partiu leitura!”

Contato: estelamsander@gmail.com



O tal “bolo de bruxa” causou muitos comentários divergentes e especulações sobre os reais ingredientes. Sobre isso, Verônica calmamente explicou a receita feita à base de maçãs bem vermelhinhas, iguais àquela da madrasta da Branca de Neve, tipo argentinas, canela velha, nozes, castanhas e outros segredinhos que sua mãe herdou de sua bisavó. Contou que a sabedoria dos mais velhos diz que quem costuma comer esse bolo, no primeiro dia de cada mês, tem muita prosperidade na vida e poderá ter muitas chances de encontrar o segredo para conquistar o seu amor verdadeiro, na vida adulta, caso a pessoa seja merecedora.

Pois bem, os meninos fizeram muita zoeira... Alguns até tiraram o bolo da boca dizendo que bolo com “canela de velha” não dava para encarar!

— Eca!!! Já pensou se a velha não tomou banho antes de morrer? — falou Pedro Henrique chorando de tanto rir.

Flora, rindo muito da atitude do colega, explicou que ninguém tinha ralado canela de velha, de senhora idosa nenhuma. “Velha” era chamada a especiaria guardada há muito tempo, longe da luz e da umidade, num pote com tampa de madeira de carvalho envelhecida, do século passado, e por isso ficava com um sabor especial! Lembrou que somente as famílias descendentes de imigrantes franceses, como sua bisavó materna, possuem o cobiçado pote, objeto de desejo e orgulho das melhores doceiras da região.

Pausou a fala, respirou e concluiu dizendo que se tratava de um agrado especial da dona da casa, devido ao interesse das coleguinhas brufadinhas, perfis que adicionam bruxas e fadas, pelo assunto em alta no momento.

Nesse instante, sem mudar o rumo da prosa, ouviram um gemido assustador, ou melhor, vários gemidos seguidos de um assobio com rouquidão, imitando o grito dos vampiros de filmes, vindos lá de fora...

Saíram rapidamente para ver de que se tratava...

Puderam ver, de relance, uma figura desconhecida e assustadora que passou voando, desprezível, trajada de homem, com roupa e uma enorme capa preta que brilhava um pouco, com uma enorme verruga pendurada no narigão torto, sobrancelhas grossas e peludas, um par de orelhas bem salientes e disformes, chapéu preto com abas grandes que escondia parte da cara pretona igual a carvão, uns beiços vermelhos com umas verrugas menorzinhas e com uns fios de cabelo no canto esquerdo da boca.

O arremedo de monstro em forma de gente continuava a assobiar vampiramente, enquanto corria em direção à área escura do labirinto de concreto e, de vez em quando, olhava para trás fazendo trejeitos com os horríveis olhos arregalados e a boca meio desajeitada pelos movimentos trêmulos.

Pedro Henrique não hesitou e saiu correndo em perseguição ao monstro, acompanhado por Verônica, Sindel e Ravel, atirando-lhe pedras e ordenando-lhe aos berros que sumisse da rua, do bairro, do mundo, de preferência.

Enquanto isso, os colegas apoiadores que ficaram para trás pediam-lhes para suspender as pedras. Chamavam o bruxo de volta com o intuito de tentar aprisioná-lo, ou melhor, de dominar e prender o ser desprezível, é claro!

Sem sucesso! Logo, os colegas desistiram, mas Zumbi continuou até desaparecer no escuro, onde as luzes sumiam. Então, todos começaram a se sentir bastante desprotegidos e assustadoramente confusos com a situação inusitada. Foi como se uma bolha enorme cheia de dúvidas e medos começasse a crescer e se avolumar dentro de cada um, apertando-os do estômago até a cabeça, causando-lhes a maior confusão nas poucas certezas, misturando tudo, como a irritante sensação de ter água no ouvido e pedra no sapato, ao mesmo tempo, deixando-os numa situação de extremo desconforto.

Mais ou menos desse jeito! Ficaram atônitos e paralisados, por alguns minutos, olhando na direção do sumiço do menino, sem saber o que pensar, como agir, nem a quem recorrer...

Mas, poucos minutos depois... Pedro Henrique reapareceu. Pasmem! Voltava de mãos dadas com o horrendo, invasivo e misterioso monstro. Ele, o monstro, chorava e, de longe, dava para ouvir seus pedidos de desculpas em voz alta, misturados com soluços de dor.

Risos... muitos risos... E lá se foram elas, acompanhadas do amigo distraído, ao encontro de suas casas e de mais uma noite de descanso para o corpo e para a memória, pois imaginação e conversa exagerada cansam a cabeça de qualquer ser criativo.

Flora deitou-se para dormir com metade do corpo no mundo real e a outra no mundo da lua. Acomodada no aconchego de sua cama, foi a sua vez de ter um sonho daqueles, parecidíssimo com sonho de meninas em contos de fadas, especialíssimo!!! Sonhou com a visita de uma bruxa gigante parada ao lado de sua cama, que chegou bruscamente, levantando os objetos do quarto com a sua energia poderosa e, depois que a energia acalmou, começou a andar pelo quarto com óculos enormes, com lentes grossas como

fundo de garrafa, todo respingado de uma coisa branquicenta, que a fazia piscar muito e se esforçar para ver os olhos da garota sonhadora, que era toda olhos e ouvidos para ela. A visitante invasora de sonhos não tinha nem pelos de porco ou porca e nem orelhas de burro ou jumenta, mas era, com certeza, uma bruxa! Dava para ver claramente os movimentos bruscos e horrendos dos seus grandes e assustadores olhos negros. Ela falava e apontava com o dedo indicador, com uma unha enorme e suja, escondendo uma sujeira preta e grossa, para a tela do computador e disse com todas as letras, repetindo algumas palavras:

— Ali, ali, naquele objeto ali, tem um presente para o Time Brufadas — disse num soco só, com muita severidade, sem pestanejar.

O ser enigmático calou por alguns instantes, olhou com olhar assustador para a sonhadora Flora e acrescentou, com inveja e desconfiança:

— Ali, nesse robô monstrengo, nessa aberração tecnológica do mundo contemporâneo, está a estrada que leva ao tesouro do conhecimento mágico. Dele, sairão, pouco a pouco, as respostas às perguntinhas imbecis dessa tal guria que atende pelo nome ridículo de Verônica, que se acha muito sábia!

A bruxa deu uns três ou quatro passos em direção à porta, recuou uns dois, virando-se para a garota e deixou seu recado final.

— Luz, muita luz para os bruxos e bruxas do Clube Brufadas! — exclamou a bruxa dominadora de sonhos com ar desprezível e protetivo, ao mesmo tempo.

Afastando-se de costas, soltou uma gargalhada de bruxa horrenda, daquelas poderosas, assustadoras, fétidas! E sua imagem foi se diluindo numa nebulosa de vapor acinzentado e de um perfume nada agradável com um cheiro de mofo inconfundível. Só isso. Não se explicou muito. Foi-se embora do sonho da menina Flora e não regressou mais naquela noite para desfazer as dúvidas deixadas nas entrelinhas do seu pequeno discurso profético, com boa previsão de futuro. Flora acordou de sobressalto com o coração crescido de tanto medo, enorme, pulando assustadoramente no seu peito e quase saltando pela boca.

Somente depois que as pernas pararam de tremer e que conseguiu ficar em pé, andou devagarinho, foi se olhar no espelho e viu que ainda estava viva, mas mortinha de medo e roxa, roxinha da silva. Viu que as janelas e portas permaneciam fechadas, como ela as trancou antes de se deitar. Quando voltou completamente ao normal, percebeu que tudo não passou de mais um sonho maluquinho. Maluco, não! Mas mágico por natureza,

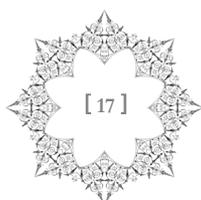
misterioso e, quem sabe, revelador, portador de algum segredo oculto nas novidades guardadas no amigo computador. Surpreendente, estranho e diferente, além da conta!

— Mistérios por demais! — sussurrou para si mesma, ofegante, recostada no seu travesseiro, com o seu coração de volta a sua morada natural.

Pensou que no próximo sonho teria algo novo, um sonho deslumbrante com uma das personagens mais disputadas no mundo imaginário, para contar aos amigos bruxos, bruxas ou fadas, no recreio da escola, no dia seguinte. Mas o sono e o sonho estavam demorando para voltar. Neste mesmo instante, uma voz límpida, distante e gostosa, nada assustadora, nunca ouvida, nem em sonhos, deixa-a atônita e confusa. Interrompe o silêncio desse jeito:

— Sentiu o poder mágico do conhecimento da natureza sobre a imaginação criadora e a vida real? — perguntou-lhe suave e pausadamente.

A voz enigmática e estranha, de procedência desconhecida, desapareceu sem deixar vestígios ou pistas concretas com uma intenção qualquer... Ela decidiu dar um desconto às doideiras das bruxas e tentar dormir. Era alta madrugada e, na sua casa, todos repousavam tranquilamente, meio que hipnotizados pela chuvinha mansa, ritmada, que caía lá fora, lavando tudo, sem fazer estragos e sem mistério algum.





APRESENTAMOS O POEMA SOPÃO DE BRUXA

POR ESTELA MARIS SANDER

Estela Maris Sander é avó, mãe e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, com Licenciatura Plena em Letras, Especialização em Psicopedagogia Escolar, e Mestre em Educação: Especialização em Ensino Superior. Em coautoria, publicou obra em 2018, com temática infantil. Em 2019, foi a vez do romance infantojuvenil, De bem com as bruxas. Narrativas infantis, contos, crônicas, poesias e microcontos com temas e enfoques variados aguardam futuras publicações. “Gratidão por participar desta antologia com temática encantadora! Partiu leitura!”

Contato: estelamsander@gmail.com



Pra ficar com cor de bruxa,
põe um maço de agrião,
pouco a pouco no caldeirão.

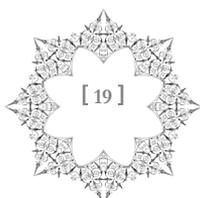
Mexe o olho no sopão,
sem nenhuma cerimônia,
lambe logo o dedão.

De choro de sapo, junta uma farta poção!
Um tempero meladão com essência de vibração
pra desagradar as falsas fadas e espantar o medão.

E, pro caldo ficar perfeito,
uma jarra de limão,
que ganhou do tio Adão.

Com cheiro de novidade,
surge a nova criação,
sem nenhuma precisão.

Uma receita de ilusão,
com peculiar coloração.
A iguaria ficou pronta,
sem gastar nenhum real, centavo ou tostão!





APRESENTAMOS O CONTO A BRUXA CIGANY E SEU ANJO DARK

POR LÉIA FELÍPE

Luciléia é escritora com um livro publicado: Ho'oponopono Mágico as aventuras de Clarinha, pedagoga, agente cultural e terapeuta integrativa. Amante da escrita e fã de Maurício de Sousa, Clarice Lispector e Cora Coraline. Estuda a mente humana a mais de dez anos e se dedica a transformar a sociedade através das artes e autoconhecimento.



A feitiçaria, se compara com amor, não é à toa que existem tantas porções de paixão e sedução. Desde a antiguidade, todos que mexem com magia de amor, já tinham fascínio, pelas cores vermelha, rosa, mel, maçã e todas as especiarias com toques de baunilha e chocolate, que fossem ligadas ao amor ero. Assim começa o conto da Bruxa Cigany.

Desde pequena, parecia não se encaixar. Ela se sentia diferente, por isso sofria muito bullying. Sua alma era doce e sensível. Cigany também era regida pelo elemento água. Assim como o mar, apresentava seus momentos de turbulências e revoltas, mas, tinha o segredo das suas emoções a tranquilidade e a sensibilidade. Cigany sempre foi fascinada pelos mistérios do Cosmos e da alquimia, regida pelo signo de escorpião, ela tinha em suas veias, o mistério da sexualidade, do erotismo, do mistério vibrando em suas veias.

Como todas as escorpianas, a bruxa Cigany tinha o veneno e o antídoto. Era detentora do caos e conhecedora da ordem. Sua vida foi marcada, por vários desafios, mas no estudo da magia e ocultismo ajudava ela a se tornar uma mulher culta, inteligente e magnética. Dentro da energia amorosa, Cigany era entregue, leal, mas tinha dificuldade de ter fidelidade. Pois, o forte psiquismo e magnetismo, excessivo, que ela sentia, fazia todos em sua volta a percebe-la e por isso era fácil, sentir o que o outros estavam pensando o que facilitava os Homens a se encantar por ela.

Sua vida amorosa, foi banhada de emoções fortes e intrigantes, intensas como o oceano e passageiras, como as estações do ano. Ao estudar alquimia e entender os segredos da pedra filosofal dos antigos alquimistas. Cigany se dedicou a transformar o chumbo em ouro. Se debruçando aos estudos exotéricos e transcendentais de: Kabbalah, runas, tarô, ervas de poder, símbolos mágicos, geometria sagrada e tudo que ela podia acessar de baixa e alta magia. Ela se aperfeiçoava na magia praticando. Foi assim que ela se tornou gran mestra, em magia sacerdotisa da linhagem de Maria Madalena, e possuidora das relíquias de Deus. Pois um bruxo mago ocultista, estuda as artes mágicas, para ver sua vida mudando conforme sua verdadeira vontade, como diria mestre Crowley.

Em toda sua trajetória amorosa, sempre tentou co-criar seu amor verdadeiro, mas, passou por grandes decepções e alguns abusos sexuais. Ela pensava que se encontrasse o amor verdadeiro, ela conseguiria, interligar, todos os seus dons, dentro das suas sombras e achar sua pedra filosofal. Mas, a vida, apresentou essa situação de forma diferente do esperado. Ajudou a galgar, uma nova linha do tempo, porque foi graças a sua

sombra de ser amante, que é um papel condenado pela sociedade, mas existente a milênios. Cigany deixou-se desfrutar do encontro com sua alma gêmea que encontraria na sua linha de tempo. As vezes ela duvidava, por ter passado por algumas decepções e por ser muito sensível, sentia dentro do coração que se tratava de amor verdadeiro o qual ela sentiria que iria cruzar seu destino.

Pelo vasto conhecimento de Cigany, ser amante vem de vários problemas da psique humana. A mais conhecida por ela, é se sentir disfuncional. Vinda de um lar marcado por violências, alcoolismo, transtorno narcisista, infidelidade e abusos. Seria a receita ideal para atrair amores indisponíveis. Só que o universo, tem a doce mania de escrever certo por linhas tortas e dentro de todos o caos existe algo prontamente a ser descortinado, para trazer a ordem, como Carl Jung dizia: — O ouro está nas sombras um grande filósofo, que a grande bruxa estudava com afeição.

Quando Cigany, estava em um evento de Jurema, um ritual indígena, sentiu algo diferente como nunca havia sentido. Um lindo homem, um verdadeiro ébano, mexeu com todas as suas células. Ela sentiu uma presença de um encontro de vidas passadas, mas, percebeu que poderia ser impossível, chegar perto de seu coração já que havia um símbolo de exclusividade e de amor eterno indissolúvel, feito com um dos metais mais preciosos buscado pelos alquimistas, o ouro. Conhecido por todos como aliança. Mas, Cigany chegou em sua casa e tirou o baralho cigano para essa situação, e incrivelmente estava o buquê, a cigana, o cigano, o caminho e as estrelas. Significava um encontro de caminhos abertos, alegrias, prosperidades e abundância. Cigany viu nas cartas que havia encontrado o seu amor verdadeiro e teriam uma história para vivenciar. Foi assim que enigmática bruxa adentrou o coração de seu Anjo Dark, apelido que ela intitulou o jovem ébano. Ele era o cavaleiro que se apossou do seu coração. Ela sentiu, que dessa vez, não precisaria fazer poções de paixão. Ela havia se tornado o feitiço, a porção, a magia e o segredo.

O jovem ébano, também havia se encantado com seus olhos no ritual da Jurema. Assim se deu uma grande paixão avassaladora.

Cigany e seu Anjo Dark, vivenciaram momentos auspiciosos. Todos os encontros pareciam que o tempo parava.

Em todos os encontros eram banhados por sombras, ou seja, tudo que estava reprimido pela sociedade e caía no porão do nosso inconsciente, fetiches sexuais, dores, traumas, tabus preconceitos, visão multifacetada de pontos de vistas quando eles não

faziam amor, questionavam a vida, analisavam um ao outro as vezes com algumas discussões, mas sempre levava ao aprimoramento. Depois do calor da emoção lá estavam entregues de novo a paixão e ao amor.

Ficou muito marcado na Cigany todos os orgasmos que ela teve que o Anjo Dark proporcionava a sua amante eles eram quentes e inteligentes, ele proporcionava sexo profano e divino levando e ela conseguia levar eles a gnose um estado alterado de consciência.

Nos encontros mais românticos eram devotados com a Deusa Afrodite com muito romantismo, rosas vermelhas, velas e tudo que aguçasse os cinco sentidos, mas não era tudo, havia conexão de alma, cumplicidade, conhecimento genuíno um do outro e eles sabiam como recomeçar a final a relação dos dois era sobre isso, recomeços.

Mas essa linda história de amor, estava sendo ameaçada. Algumas vezes pelo destino do inconsciente coletivo que não abençoava essa relação de amantes ou do seu próprio desfecho. Cigany, respeitou o livre arbítrio do cavaleiro que escolheu ficar com sua esposa e com a bruxa. Afinal, com todo o conhecimento que ela possuía, poderia facilmente separá-los. Mas Cigany aprendeu, que quando se encontra o amor verdadeiro, mesmo que um dia venha a ser separados, é preciso respeitar e honrar a vontade de ambos.

Dentro das conjurações de Cigany, haviam apenas sentimentos benevolentes. Mas, será que dentro do seu coração existia sentimentos de ciúmes, posse e apego? Sim. Ao passar do tempo, ela de posse de sua maturidade, soube transmutar essas energias. Usando a encantaria das fases da lua, que a propósito, foi o palco da devoção de Cigany para o Anjo Dark. No intuito de esquecer, que viviam uma relação extraconjugal, ela se aprimorava nos estudos das artes mágicas, escrevia, exercitava, trabalhava. Mas, tudo isso girava em torno da inspiração pelo seu grande amor e foi assim que conseguiu administrar bem o seu tempo.

Aprendeu a transmutar as energias de ciúmes, por não ter esse amor só para ela. Cigany aprendeu a viver no momento presente, pois ela não poderia pensar que o amor da sua vida se deitava com outra. O destino havia passado, através de uma carta que eram 17 anos de casados, ela teve que respeitar, pois como uma sacerdotisa do sagrado feminino, tinha a missão de levantar outras mulheres. E assim, aprendeu a viver um dia de cada vez, alquimizando as suas magias para o bem de todos os envolvidos, se tornando

cada vez mais poderosa, pois ela se sentia nutrida e preenchida, pelos momentos de amor e paixão que tinha com seu amado.

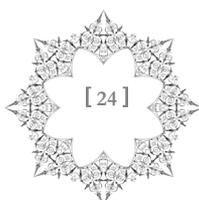
Tempos se passaram, Cigany virou doutora das ciências ocultas e uma renomada escritora. Seu amor pelo Anjo Dark só aumentava. Eles conseguiram vivenciar tudo que estavam predestinados a viver. Pois, Cigany pelo seu grande poder, abriu uma fenda no tempo onde eles eram protegidos. A viver sua grande história de amor abençoada pelos deuses. E ao lembrar dos deuses, ela também via, que eles tinham amantes, por que o amor não tinha culpa de se encontrar em uma linha do tempo que não era permitido ser vivenciado pela sociedade e cultura.

Na cabeça de Cigany, se até os deuses amavam mais de uma pessoa com amor Eros, imagine uma bruxa? Ah, mas e se fosse ao contrário e Cigany, fosse a esposa? Se ela descobrisse a traição, o que ela faria? Ela já havia passado por isso algumas vezes em sua vida. E se decidiu vivenciar um dia após o outro, por que havia encontrado nas suas experiências dolorosas, o bálsamo que curaria suas feridas, através do autoconhecimento que dariam vãos impossíveis. Como diz Walt Disney: — Eu gosto do impossível porque lá a concorrência é menor.

Cygame dotada de uma alma profunda, deixa para nós nas entre linhas dessa escrita:

— O amor é dotado de experiências que levam ao perdão, compreensão, sacrifícios, lágrimas, prazeres, doações, afeição, compreensão.... Contudo, estamos aqui nessa jornada fantástica, experienciando a vida. Cada um tendo, na sua história: Poemas, contos, fábulas, holografias e tragédias. Expressando assim os sentimentos humanos.

Todo esse enredo de amor, contribuiu para que Cigany, conseguisse a junção de todos os fragmentos da sua alma. Foi uma forma que ela achou, de exorcizar seus demônios e iluminar sua escuridão através do amor Eros. Ela lembrou da carta, do baralho cigano, que havia saído na sua primeira tiragem, para o Anjo Dark, a carta das estrelas e dizia exatamente isso. Nesta nossa caminhada terrestre, mesmo que a gente se deparasse com a escuridão da noite, haveriam as estrelas para nos iluminar com seu brilho. Nosso olhar, deveria estar contemplando essa luz, enquanto nossos pés continuassem a caminhar.





APRESENTAMOS O CONTO O CAIXÃO ACORRENTADO

POR NEY ALENCAR

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 320 contos publicados em 60 e-books e em 111 antologias. Possui 06 livros publicados.



Esta história é contada como conto de fadas pelo velho povo que habitava aquela cidade sem nome à beira da charneca de Guay, porém, noutros lugares é tida como verdadeira, ainda que esta versão venha de fontes inauditas e até mesmo a Velha Cinzenta não lhe dê muito crédito!

Dizem que aconteceu na época em que o Deus do Trovão do velho Norte desafiou o Galileu para um embate de forças e vontades!

Havia uma donzela que não era bela, a terceira filha do Rei das terras do Norte além do gelo seco, de pele branca, olhos azuis e cabelos de ouro, não se casara pois não tinha pretendentes, mas possuía a força de dez homens e a determinação de vinte.

No casamento de sua irmã mais nova ela jurou pelo martelo do Trovejador que iria conquistar seu próprio destino e deixou o reino paterno, viajando pelas terras que já não conhecemos.

Para isso armou-se com uma couraça de ferro frio, um escudo preto sem emblema e uma espada virgem de ferro meteórico, forjada à seu pedido pelo ferreiro Wieland naquela forja perdida nas lendas!

Seguiu pelas estradas cavalgando um corcel negro de alta catadura, o viril garanhão das éguas de seu pai!

Na primeira noite pernoitou em uma clareira de pinheiros negros e elmos baixos de cujos troncos pendiam barbas de musgo de grande respeitabilidade e cujas copas vestidas de verde murmuravam no vento da mata.

Já acendera o fogo e colocara um pequeno caldeirão para ferver o guisado do coelho que caçara quando uma sombra maior se destacou em um dos cantos e andou até ele sem cerimônia.

Era uma esfinge, criatura esquiva e elusiva naquela parte do mundo feérico, bela e silenciosa, os olhos como de cetim negro e encimados por riscas de ouro, a pela mascarada de laranja e ocre, as orelhas pontudas como as de um lince, as garras de marfim amarelo, curvas e afiadas, a cauda coleante como de serpente, veio e se deitou perto do fogo.

Thora não se assustou, a coragem a invadiu e num arroubo de desejo perguntou à Esfinge onde estava seu destino.

A criatura hieroglífica, misto de mulher e besta, sorriu e pediu-lhe metade de seu jantar, com alegria Thora compartilhou seu alimento.

Finda a refeição a Esfinge desvendou:

— Numa cabana pobre, no meio do fundo do próximo vale, havia uma família que possuía apenas um filho! Era belo como o ouro recém colhido do ventre da terra e as fadas da noite com ciúme e maldade vieram e o levaram. Traga-o de volta e ele poderá lhe mostrar seu destino!

Thora ia perguntar como poderia fazer isso, mas a Esfinge já havia desaparecido como um hipogrifo na noite!

Sem descansar ela desceu para o vale montada em seu corcel negro e parou diante da cabana em ruínas.

Fosse quem fosse que havia morado lá já havia muito tempo que se fora.

A pista estava velha e não podia segui-la.

Súbito seu garanhão olhou-a com olhos ternos e falou com palavras, como por vezes os animais encantados o faziam naquelas terras além das que conhecemos e ela viu que enquanto falava sua pujança de mostrava em alegre desejo!

— Se minha senhora quer libertar o filho do lenhador vá até a primeira encruzilhada e fale com a primeira pessoa que falar com você quando soar a meia noite!

Thora sorriu! Gostava ternamente de seu corcel.

Montou-o e foi até a primeira encruzilhada, um lugar funesto perto do leito de um rio seco, onde eram jogados os esqueletos dos criminosos que eram enforcados na encruzilhada.

A grande sombra sinistra da Morte pairava como mortalha no leito do rio.

Thora não prestou atenção nela.

Esperou e quando deu meia noite, por causa das badaladas de uma igreja distante, viu o vulto de uma velha cinzenta que se aproximava em passos rápidos.

A velha bruxa parou diante da donzela e piscou o olho esquerdo, pois o direito rodopiava loucamente na órbita, e com um risinho sarcástico, olhando para a pujança bem delineada do corcel, propôs um negócio escuso.

— Vejo que você veio afinal! Houveram outros antes de você e outras também e todos falharam na tarefa e perderam suas almas! Você realmente deseja se arriscar? Vejo que tem um garanhão muito prendado, não precisa de homem nenhum! Vá viver sua vida, menina!

— Eu aceito sua tarefa! O que preciso fazer? — desconversou Thora mudando o assunto sem olhar para o corcel, sua voz tremeu um pouco.

— Não fui eu que propôs essa busca, mas posso dá-la para você! Tome o caixão acorrentado que a Morte traz nas mãos e o sepulte em solo sagrado. Se fizer isso certo o filho do lenhador será libertado! Cuidado com os duendes das fronteiras da terra, eles andam atarefados por esses dias, caçando donzelas para seus usos escusos!

Com isso a Velha Cinzenta, pois não era outra aquela bruxa, sumiu-se no ar fino como neblina.

Thora aproximou-se do vulto da Morte que trazia nas mãos cadavéricas um caixão lago e pesado fechado com correntes de ferro e com correntes de ouro e pediu:

— Ó Morte, que és tão forte, deixa-me levar o caixão para que possa sepultá-lo em lugar santo!

A Morte riu e com aquela voz cava, destituída de qualquer emoção concordou:

— Leve o caixão se quiser, donzela, mas se falhar darei sua alma para os duendes devorarem, o que farão com gosto já que estão sempre famintos por lindas donzelas!

Thora pegou o caixão, era imensamente pesado e ia colocá-lo sobre seu corcel quando a Morte a impediu.

— É seu fardo, não do pobre animal! Deve carrega-lo sozinha até o amargo fim!

Deixando seu corcel amarrado na encruzilhada Thora colocou o caixão acorrentado nas costas e pôs-se a andar.

A voz que ressoava dentro do caixão pedia:

— Dá-me um enterro cristão, ó donzela, eu que nasci em berço de madeira e que sofri as agruras da pobreza e da fome, dá-me um enterro cristão!

Thora sabia que adiante no fundo do vale havia um cemitério e uma capela e foi para lá.

Bateu na porta da velha capela erguida em memória de um Santo Agostinho, que passara por aquelas terras há mais de um século e de detrás do altar mor veio a silhueta de um cavaleiro morto que se postou à sua frente e negou!

— Aqui não é o lugar dele!

Os olhos secos e ocos do esqueleto brilharam na escuridão, a cruz em seu peito fulgiu com um palor sobrenatural.

Thora pensou em lutar com ele pelo direito de descanso, porém desistiu, não era essa sua tarefa, e passou adiante.

Sabia que havia uma igreja com um cemitério dois vales depois daquele.

Andou pela estrada, subindo e descendo as colinas, o peso do caixão era tremendo e parecia aumentar mais a cada momento, ia ficando cada vez mais pesado quanto mais ela se aproximava da igreja.

No caminho, porém, havia uma ponte!

Na metade da ponte uma sombra alta e vasta surgiu das sombras embaixo.

— Quem ousa atravessar minha ponte? Pague a travessia ou morra!

Thora confrontou o troll com sua urgência.

— Deixa-me passar e na volta lhe pago! — pediu ela vendo o horizonte já começar a ebulir.

A criatura lhe lançou um olhar lascivo e balançando-se lubricamente exigiu seu pagamento em espécie!

Thora colocou o caixão no chão de pedra, olhou para o horizonte que arroxeara e com a espada Urthink cortou a cabeça do monstro com um golpe certo.

Tomou o caixão e desceu para o cemitério atrás da igreja.

Cavou em uma cova vazia, colocou o caixão dentro e ia jogar a terra sobre ele quando as correntes de ferro se partiram com um som de trovão, a terra tremeu e depois as correntes de ouro se partiram com a luz de um relâmpago e a terra tremeu uma segunda vez, então o caixão se abriu com um estalar alto quando a luz do sol nascente banhou a cova aberta.

A Velha Cinzenta riu, ao lado de Thora e lhe confidenciou!

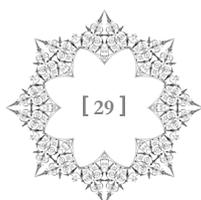
— Você conseguiu, menina! O desejo de seu coração à espera naquela encruzilhada lá atrás. Vá e viva sua vida feliz!

— O filho do lenhador foi libertado? — perguntou Thora confusa.

— Sim, ele foi! — riu a Velha Cinzenta como se soubesse de algo que a donzela não percebera — Ele a encontrará lá!

Thora retornou à encruzilhada e no tempo certo casou-se com o centauro que um dia fora o filho do lenhador e também seu garanhão encantado.

E dizem, as matronas faladeiras de línguas compridas da praça do mercado daquela cidade sem nome à beira da charneca de Guay, que eles foram felizes enquanto suas vidas duraram!





APRESENTAMOS O CONTO

SETE PERNAS DE TARÂNTULA

POR ROSAMARES DA MAIA

Rosamares da Maia, escreve Contos, Crônicas, Blog Poemas de Amor /Lusofonia Poética, Antologias na Ed. Scortecci e na Ed. Andross. Finalista no Prêmio Strix-anos 2020/21/22. Publicou na Ed. Litteris: Ludmila a Lagartinha Maratonista, As Aventuras de um Barquinho de Papel, Retalhos de Vida, Amores Cores e Sabores, Haicais à Brasileira e Tempo de Contradições, Contos: Não Sei se Devo, Mas Vou CONTAR / Ed. Autografia: Pita Pitanga e a Abóbora Moranga. Certificada pela Revista Conexão Literatura, por participar de antologias. Coletâneas Selo OFF FLIP, anos 2020/21/22.



Já haviam se passado as sete luas e, no sétimo dia a lua cheia ia alta pelo meio da noite. O fogo estava no ponto certo, no fogão de lenha ardendo no círculo mágico em frente à casa da velha Bruxa Zoraide. O caldeirão enorme e enegrecido pela queima da lenha, borbulhava as misturas das muitas ervas colhidas nas madrugadas orvalhadas dos sétimos dias de cada mês. Eram adicionadas aos poucos, nas proporções certas, formando um caldo espesso e meio esverdeado. Este caldo era a base que aguardava os sete elementos principais, para consolidar a força e a bruxaria de muitas gerações de feiticeiras da Confraria das Bruxas do Hemisfério Sul. Zoraide era a Mestra, a detentora dos segredos passados a ela por sua mãe, que recebeu de sua avó, e de sua bisavó ela de sua tetravó, assim regredindo até o começo da geração.

Naquela época, no início da criação, elas foram colocadas como fiel da balança entre o bem e o mal, mas, optaram pelas futilidades da vaidade, queriam beleza, riqueza e poder. Foram castigadas, tornando-se feias, perversas, símbolo de mau agouro e banidas do convívio de outros seres, passando a habitar lugares soturnos, escuros e pantanoso. Assombravam as pessoas, principalmente as criancinhas. Tinham poderes maléficos e viviam em luta constante contra o bom, o bem e o belo.

Tudo parecia estar perfeito, tudo precisava estar perfeito, como sempre, séculos após séculos. Este era mais um ciclo da sua expertise de feitiçaria. Era uma Bruxa conhecida internacionalmente, ou melhor, era intergalácticamente conhecida, pelo poder de suas *poções mágicas*. Logo que tudo estivesse pronto, as irmãs da Confraria de todos os cantos do Planeta, voariam para a sua clareira no fundo da floresta pantanosa e aterrissariam as suas vassouras, espetaculares e caras, somente para obter um pequeno frasco do néctar da bruxaria, garantia absoluta de poder, força e eternidade. Zoraide tinha muito orgulho, pois, podia garantir os seus feitos através dos tempos.

Então, sem mais delongas,....

— Enquanto as misturas básicas apuram no caldeirão, só por desencargo de ofício, vamos conferir os sete elementos fundamentais, segredos de Estado, invioláveis, mesmo entre as Bruxas. Bem que algumas tentaram roubá-los, mas, Zoraide foi implacável e reduziu as xeretas à pó de trac. Era imbatível, porque tomava uma dose extra da poção, um reforço para ficar sempre alerta.

Vamos lá!

— Sete asas de Morcego anão – 0k / — Sete formigas de fogo espremidas — ok /
— Sete anéis do chocalho de uma cascavel — ok / — Sete barbas de Gato preto tiradas a pinça — ok / — Sete penas de Urubu do Himalaia — ok / — Sete espinhos de Baiacu amarelo — ok / — Sete pernas de Tarântula preta???

Sete pernas de Tarântula preta! Olha, procura, reconta 1,2,3,4,5,6 e uma unha de tarântula preta. Era enorme, mas, era uma unha e não a perna inteira. Como isso era possível? Ela pessoalmente havia arrancado cada perna.

— Sim! Fui eu! Não é possível! Resmungava e esperneava Zoraide, enquanto conferia o caldo e adicionava mais um pouco da água do pântano, para não secar e nem desandar. Olhou, procurou, mas nada de encontrar. Praguejou novamente e fez uma busca em sua memória. Lembrou-se que com as tarântulas tinha que ser rápida, porque elas, em outro ciclo de sua geração, também haviam sido Bruxas e guardavam muitas artimanhas, e um ódio mortal pela Confraria, pois estavam condenadas a doarem os seus membros para todo e qualquer feitiço que lhes demandassem a participação como elemento de magia.

Bem desconfiou de uma das velhacas, de unhas muito grandes. Certamente ela não conseguiu arrancar-lhe a perna inteira, apenas a unha avantajada.

— E agora? O que fazer?

A hora avançava e não havia como caçar outra tarântula, não podia perder a luz da lua que estava alta no céu. Aquele maldito aracnídeo, não perderia por esperar, depois que tudo passasse ela pessoalmente a caçaria por todo o território das aranhas e arrancaria cada uma de suas pernas, ferrão e tudo mais, com requintes de crueldade.

Nunca havia preparado a sua poção somente com seis pernas e uma unha de tarântula. Nunca! Era completamente honesta no seu trabalho, mas, nunca soube também, que alguém tivesse feito as suas poções somente com a unha e houvesse dado errado. Afinal de contas, era um produto original de tarântula negra. — O que poderia dar errado?

— Então, Vamos lá

Precisava cozinhar a sua poção poderosa. Estava na hora, e foi acrescentando tudo, como estava na velha receita,... não exatamente. Por último, a seis pernas de tarântula e a maldita unha da aranha que a enganara. Para ajustar o tempero, um punhado reforçado das suas pimentas malaguetas, deliciosa iguaria que toda Bruxa adora.

Agora era só cozinhar por mais ou menos uma hora, destampado o caldeirão sob a luz da lua. Achou que a panela sacudiu num pouco mais que o normal e que de seu interior ecoaram uns barulhos estranhos, mas, atribuiu a dose extra das malaguetas.

— Eita! Estas foram para bruxa nenhuma reclamar da falta de tempero.

Como toda Bruxa presunçosa, já havia esquecido da sua falha, e continuou cozinhando.

O fogo do caldeirão desligado, era preciso esperar esfriar, para colocar a poção nos potes. Na noite do dia seguinte, as suas clientes da Confraria chegariam como moscas, para recolher a sua maravilha.

Achou que o caldo dessa vez tinha ficado menos encorpado do que de costume, o verde também era um pouco mais claro. Certamente as mudanças climáticas estavam

afetando até a qualidade das ervas. Sim era isto, e também o que diria se alguma bruxa percebesse.

... E elas vieram...

Aterrissavam e desciam das suas vassouras havidas pelo néctar dos séculos. Vinham uma após outra, causando enorme congestionamento na clareira da casa de Zoraide, no meio da mata e também no espaço aéreo. Só não degustavam a poção ali mesmo, porque era proibido, para não atrapalhar ainda mais o trânsito e os negócios de Zoraide, também pelo efeito do transe após a beberagem.

Zoraide reservou a sua porção reforçada para saborear calmamente, depois que as bruxas da Confraria e todas as demais fossem embora. Ela gostava de ficar só, para se entregar aos efeitos da sua poção e, também, desta vez, o seu instinto de bruxa mandou que ela esperasse um pouco mais. Vai que aquela unha,... Não! Não ia acontecer, mas, lá no fundinho do seu ego de bruxa velha, ela sabia que uma unha não era uma perna, por maior e mais originalmente de tarântula que fosse... Não, ia dar tudo certo!

... E não é que deu errado!...

Adormeceu cansada na cadeira de balanço da varanda, do lado de fora e acordou assustada com os estalos das mandíbulas das enormes tarântulas que a cercavam. Eram negras com manchas avermelhadas nas patas e no abdômen. O corpo de uma tarântula é composto de duas partes, o abdômen e o cefalotórax. Elas possuem oito patas e oito olhos no total. A sua casa estava cercada de aranhas, algumas foram suas vítimas e, estavam mutiladas, com apenas sete, seis e até quatro patas apenas. Todas as bruxas que haviam tomado da sua poção, foram transformadas em tarântulas monstruosas e voltaram para o acerto de contas.

— Como rezava a lenda,...

A Bruxa enganada por uma tarântula transformava-se em tarântula e a aranha que conseguisse enganar uma bruxa, voltava a sua forma original de bruxa, apropriando-se de todos os poderes da sua desafeta. Todas as bruxas que tomaram da beberagem foram enganadas pela tarântula que pegou Zoraide no laço, por isto, todas caíram em desgraça.

Zoraide estava cercada. Althea, a tarântula que a enganou, agora era a Bruxa Althea, com todos os bens e poderes de Zoraide, que lhe serviria como escrava para o resto de sua existência de bruxa. Imediatamente também a Confraria executou a sua sentença, pois Zoraide, fora condenada por ganancia, e pela quebra da regra secular da confiança e lealdade para com as suas irmãs. A Confraria ordenou que Zoraide bebesse a sua parte reforçada da poção. Nela o efeito foi ainda mais devastador, surgindo uma criatura medonha, híbrida de aranha e bruxa, com um abdômen proeminente que arrastava oito pernas e o cefalotórax com a cara de Zoraide tinha oito olhos.

Althea, desdenhava da desgraça de Zoraide, repetindo-lhe o bordão:

— Uma Bruxa é tal qual a mulher de César: “Não lhe basta parecer honesta, ela tem que ser honesta”.

— Cesar? Quem é este Cesar?

— Bruxa ignorante! O General Caio Júlio Cesar, Imperador de Roma de 49 a.C a 44 a.C, nesta época você e sua vassoura eram verdinhas, mas já voavam por lá. Bruxa burra! Agora nos servirá pela eternidade que durar a vida de uma bruxa.

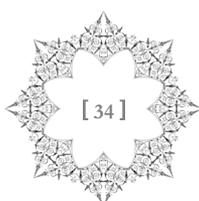
A Confraria determinou ainda em sua sentença, que as tarântulas ficariam isentas de doar as suas pernas para o feitiço do poder. Um novo elemento secreto seria usado e somente Althea e a escrava Zoraide saberiam o que seria. Sendo tarefa da escrava colhe-lo, sempre no tempo certo, para a execução do feitiço.

Althea escolhera o elemento com os requintes de crueldade de uma bruxa das mais perversas e, segredou-o no ouvido de Zoraide: “Sete cusparadas de uma Naja Cuspideira, recolhidas no ar”.

Zoraide arregalou os seus oito olhos, que já se inundavam de lagrimas e foi se arrastando para o canto escuro das urtigas no Jardim dos Espinhos, enquanto toda a Confraria e as tarântulas a sua volta gritavam:

— Bruxa burra, bruxa ignorante! Viva Althea! Viva Althea!

E assim, contou-se mais uma história de quem quis ser mais esperto que todos e acabou se dando mal. Então, mesmo se você for uma Bruxa, mantenha a ética nos seus negócios e em sua vida.





APRESENTAMOS O CONTO

AS COITADAS DAS MUTUCAS

POR SELMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no 1º Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Era um alvoroço...

Bastava alguém avistá-las de longe e gritar "olha as Mutucas"!, "lá vêm as Mutucas"!

Na verdade as Mutucas eram – dizia-se na época - duas irmãs "malucas" (traduzindo para a atualidade, provavelmente elas tinham uma grave deficiência mental, talvez acrescida de problemas psicológicos/psiquiátricos) e de meia-idade nas minhas enevoadas e influenciadas lembranças de infância.

Eram duas coitadas que com ou sem vassoura, passavam "limpando" os passeios de sujeiras visíveis, mas jogando o que achavam, na rua. A sua mania era vista pelos outros como motivo de brincadeira.

E com o "agacha-levanta" elas eram motivo de muita risada pelas costas.

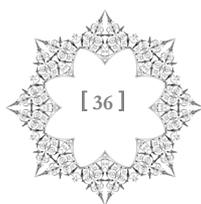
Por que as chamavam de Mutucas e quem lhes deu este apelido, ninguém procurava saber.

Talvez por que incomodassem? Como as moscas mutucas?

Mas voltando ao grito de alerta de "olha as Mutucas", a criançada que estava na rua corria em disparada para casa.

E as mães asseguravam que quem não voltasse para casa, seria levado embora pelas Mutucas.

O conhecimento da existência e passagem ocasional das Mutucas era geral e provocava muito medo nas crianças, que as consideravam umas "bruxas malvadas" - por pura influência e proveito próprio dos adultos.





APRESENTAMOS O POEMA

POIS É!

POR SELMA LUANNY

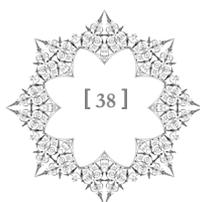
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no Iº Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Às vezes, o descontrole tropeça
e sobre uma vítima, despenca.
Depois de diluído o acontecido,
pondera-se as consequências...

Desculpas tardias são menos ruins
que não-desculpas, mas são tardias...
Azeda imenso a indelicadeza causada.
E certamente o relacionamento balança.

Mas, ser humano é isso!...
Muito imperfeito... muito egoísta...
muito prepotente... muito insensível...
É-lhe pois, confuso, o saber amar...





APRESENTAMOS O POEMA QUANDO SE É "PISADO"

POR SELMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no 1º Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

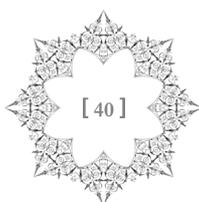


Presumo que todos entendem...
já se sentiram "pisados", humilhados...
sem, da razão, se darem conta(?).
Pois sua vida num ritmo normal, vinha...

Repentinamente, sentir-se a cair de um precipício...
Como naqueles pesadelos "sem pé nem cabeça"
e a explicação leiga: "sinal de crescimento".
Mas, agora não se está crescendo... nem dormindo.

E tudo que se quer é estar dormindo!
E do pesadelo, bem acordado acordar...
e respirar bem fundo, então aliviado!...
E, de alegria, sorrir e fundo respirar!

Mas, a brincadeira mental, não se materializa.
O pesadelo é real... e torturante...
Há que suportar como nunca...
e ser forte para o vencer... e avante!





APRESENTAMOS O POEMA

O PREÇO DE CADA UM

POR SELLMA LUANNY

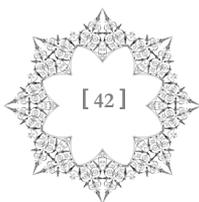
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no 1º Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



"A venda da alma" ...
alarmante e sinistra expressão
num artigo recentemente lido...
e de tempos em tempos, repetido...
Advertência que se dilui... no esquecimento.

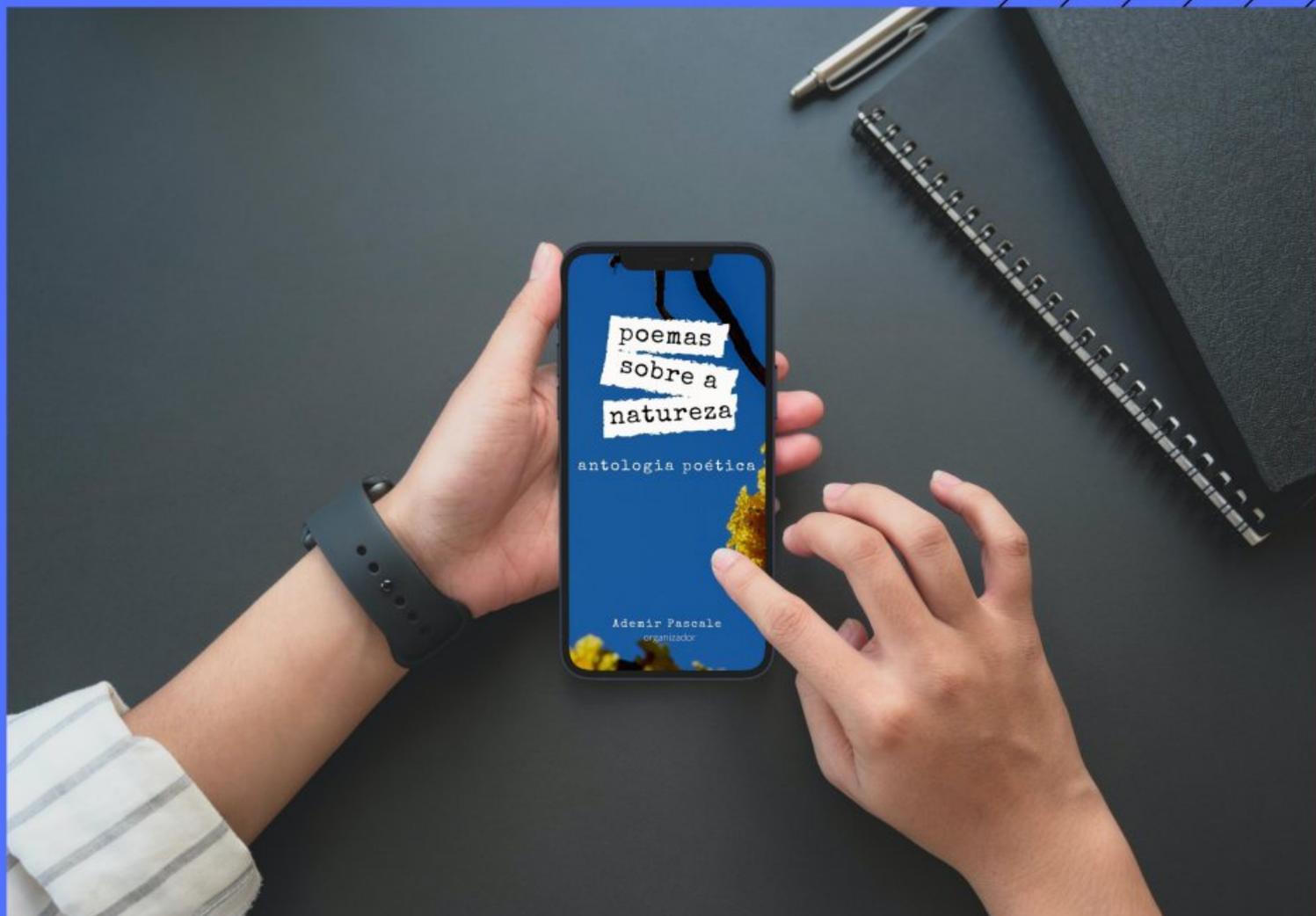
Mas é uma pura e infame verdade!...
Vende-se a alma não a um "espírito do mal" ...
pela ganância, vende-se a alma ao "vil metal" ...
pelo passageiro prazer, a "atraentes" vícios...
pela submissa fraqueza, aos mais espertos.

Vende-se a alma simplesmente pela cegueira
de não querer ver... nem melhor escolher...
A falta de coragem... de destreza
para se ter crítica dos artificiais brilhos e cores
a recobrirem a já deteriorada essência.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**